

A Ciência ao longo da História

A ciência em Portugal atravessou períodos de maior e menor vigor, mas a busca por mais e melhor conhecimento faz parte do ADN nacional, e houve sempre pioneiros a dar o seu melhor

“Os séculos XV e XVI, precedendo a Revolução Científica, foram momentos bons para a ciência nacional. Para além de Garcia de Orta, cuja obra poderá conhecer melhor nesta colecção “Ciência e Conhecimento” que o PÚBLICO agora lança, destacamos, por exemplo, Pedro Nunes, o matemático e “cosmógrafo-mor” do rei D. João III. Entre as suas contribuições científicas, encontramos os estudos sobre a loxodromia (a linha que intercepta os vários meridianos segundo um ângulo constante), e a concepção do nónio, que servia para medir fracções de grau em dois instrumentos náuticos de altura - o astrolábio e o quadrante.

O século XVIII, que acompanha o Iluminismo Europeu e a reforma pombalina da Universidade de Coimbra, dá-nos nomes como Bartolomeu de Gusmão, o padre que veio do Brasil para estudar Física e Matemática, e que, em 1709, dirigiu uma petição a D. João V anunciando que tinha descoberto “um instrumento para se andar pelo ar da mesma sorte que pela terra e pelo mar”. Cognominado o “padre voador”, é considerado um precursor da aeronáutica, tendo sido dos primeiros a provar a hipótese de criar engenhos com capacidade para voar. Ou Teodoro de Almeida, expoente da popularidade da divulgação científica, e um dos elementos do grupo que organizou a criação da Academia das Ciências de Lisboa. Na Oração de Abertura da Academia, da sua autoria, comparou o atraso do país em matéria científica ao reino de Marrocos, tendo dado azo a uma violenta reacção dos sectores

intelectuais ligados ao pombalismo.

O século XIX foi mais “apagado”, mas, mais para o final, e entrando no século XX, voltamos a um período de ouro. É lá que encontramos o incontornável Egas Moniz, formado em Medicina na Universidade de Coimbra, onde se doutorou e entrou para o quadro docente. Trabalhou primeiro nas disciplinas de Anatomia, Histologia e Patologia Geral, e quando se transferiu para a Universidade de Lisboa, em 1911, ficou responsável pela cadeira de Clínica Neurológica. Tornou-se sócio efectivo da Academias das Ciências de Lisboa em 1923, instituição na qual ocupou o cargo de presidente por diversas vezes. As suas duas descobertas mais importantes foram a angiografia cerebral e a leucotomia pré-frontal. A primeira valeu-lhe o Prémio de Oslo de 1945 e a segunda o Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia, em 1949.

Mas nem só de glórias passadas de escreve a ciência em Portugal. O final do século XX e o século XXI viram crescer o número de

cientistas, de projectos e de laboratórios. José Mariano Gago ganha aqui um lugar de destaque, não só pela sua importância como cientista - desenvolveu a sua actividade profissional de investigador no domínio da física experimental das partículas elementares em Paris (na Escola Politécnica), em Genebra (no CERN), e em Lisboa (no Laboratório de Física Experimental de Partículas, que criou e de que foi presidente) -, mas também por ter sido o primeiro ministro português da Ciência e Tecnologia, à frente do novo ministério criado por António Guterres, em cuja comemoração dos 25 anos esta colecção se insere.

O panorama actual da ciência em Portugal é rico, com vários projectos inovadores, prémios, citações e reconhecimento internacional. Por manifesta falta de espaço para referenciar todos os nomes, mesmo que apenas os mais sonantes de cada área, optamos por não destacar os cientistas contemporâneos, englobando-os a todos num brinde à ciência e ao conhecimento científico.

